



BELLEZA FEMENINA

Ilustração
PORTUGUEZA

N.º 266 Lisboa, 27 de Março de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Anno, 4\$800 — Semestre, 2\$400 — Trimestre, 1\$200

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. L. DA SILVA GRAÇA

Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES
Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão RUA DO SECULO, 43

Edição semanal do Jornal O SEculo



Vestidos bordados

COM VERDADEIRO BORDADO SUÍSSO

Vestidos bordados em Batiste, Voile, Toile, Shantung, Pongee, Tulle, Chiffon, Crêpe de Chine, desde fr. 17,50.
Blusas bordadas em Batiste, Nansouc, Toile, Lã, Cachemire, Japonais, Crêpe de Chine, desde fr. 8,50,
 franco de porte no domicilio.

Peçam as amostras e os figurinos

Schweizer & C.^o, Lucerne A 22 (Suíssa)

EXPORTAÇÃO DE BORDADOS E SEDAS

Os Agentes em Portugal
REEMBOLSAM o DINHEIRO
 a quem não tiver tirado resultado

na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMÓNAR
 empregando o
XAROPE FAMEL

PARIS
 86, Rue de la Réunion
 PREÇO: 800 REIS
 Frasco de porta em todo o Portugal por 2 francos.

DEPOSITO GERAL
 15, RUA DOS SAPATEIROS
 LISBOA

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

rianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Abergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoendo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de lôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escritorios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276 PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Enaereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**
 Numero telephonic: Lisboa, 605 — Porto, 117

CAPITAL

Acções	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva de amortisação ...	266.400\$000
Reis ..	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maria d'Hermio (Louzã), Valle Maior

COMPREM

Foulard Seda SUÍSSA

Peçam as amostras das nossas Sedas Nouveautés de primavera e de verão para vestidos e blusas!

Foulards, Voile, Crêpe de Chine, Chinos cachemire, Eolienne, Mousseline 130 cm. de largo desde fr. 1,25 o metro, em preto, branco e cor assim como as blusas e os vestidos bordados em «batiste», lã, «toiles» e seda. Vendemos as nossas sedas garantidas solidas, directamente aos particulares e francas de porte a domicilio.

Schweizer & C.^o
 Lucerne E 12 (Suíssa)

EXPORTAÇÃO DE SEDAS

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia, Impressão e Composição

Zincogravura

e Photogravura

Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado ou nickelado

Em cobre.

A cores, pelo mais recente processo — o de trichromia.

Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalho.

FAZEM-SE NAS

OFFICINAS

DA

Illustração Portugueza

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços modicos e com inextinguivel perfeição

Stereotypia

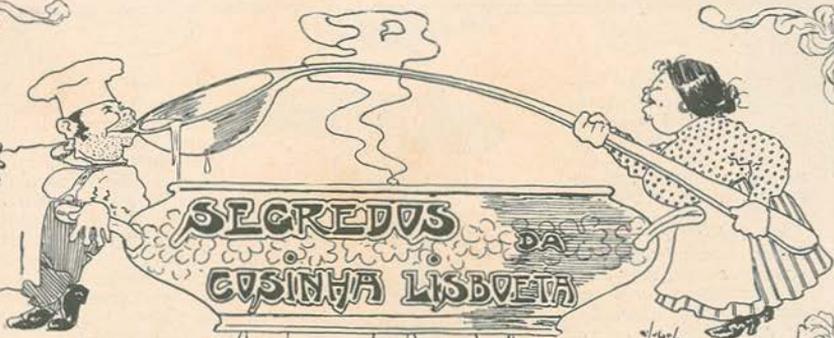
De toda a especie de composição

Impressão

e composição

De revistas, illustrações e jornaes diários da tarde ou da noite

OFFICINAS DA **Illustração Portugueza** R. DO SECULO, 43



o dia 21 de fevereiro d'este anno, alegraram-se os meus o/hos ao deparar logo na primeira pagina do *Berliner Lokal-Anzeiger*, (edição da manhã) com o titulo: *Segredos da cozinha lisboeta*.

Devo confessar que o meu estomago de inveterado alfacinha, se desdobrou jubilosamente; cresceu-me agua na bocca, e lambi os beiços, na expectativa de saborear... com os olhos, os menus saudosos da nossa cozinha lisboeta.

Oh! desillusão! ingrato correspondente de jornal, pretenciosa e malvada creatura! Quanta calumnia, quanta blasphemia!

No primeiro impulso de indignação nem li o resto, pro. urei o nome do escrevente no fim do artigo:

Ella Wiese...
Oh! uma dona!

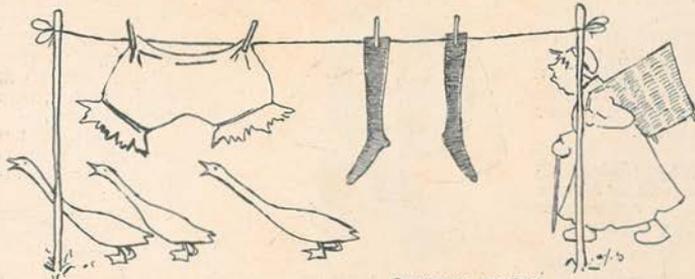
ro entrançado, como uma espiga de trigo allemão

Uma allemã fina! Sim, só uma dona germanica é capaz de desopilar os figados ruins, enviando á redacção d'um jorna! de Berlim, taes bifidas linguas de papel.

Gnädiges Fräulein ou *gnädige Frau*, que importa? Foi-se-me o appetite ah! mas ficou-me nas guellas a sê-de de vingança.

Riamos tambem e analisemos.

«Ser dona de casa em Lisboa não é facil problema. Com excepção das familias pobres, que vivem nem sei de quê, e das ricas, de que, só a creadagem sabe o que custa governar uma casa, gastam todas as familias portuguezas mais do que lhes permittem os rendimentos. Por esta razão, só se mantêm o «budget» economico, com expedientes imprevisivos, como são; ganhos ao jogo ou na loteria, ou dadivas extraordinarias d'algun ministro amigo; mas, no mais das vezes equili-



PAISAGEM ALLEMA

Uma *Frau*, d'estas que aqui tantas vezes ao dia nos aborrecem a vista; ou talvez... uma *Fräulein* com cara de maçã reinêta, e o cabelo lou-

bram-se os rendimentos, com um — registo de dividas na mercearia »

Assim começa*o seu artigo

a mordaz correspondente do *Lokal-Anzeiger*, com um desplante na afirmação e um cynismo na calúnia, que arripiam. E logo prosegue:

«O lisboeta e a lisboeta ligam grande importancia ás apparencias, mas como os ordenados e outras rendas são mesquinhos, faz-se economias, no que se não vê, isto é: na roupa branca e—na alimentação».

Oh! *Fraülein*, deve confessar, que não tendo podido vêr, como o affirmã, só mettendo o nariz... onde se não deve, isto é, na roupa branca da lisboeta e... do lisboeta.

Eu... côro de falar da roupa branca das allemãs, (única que aqui se vê com mais facilidade), por isso passo adiante, com a mesma indifferença, com que Fr. correspondente passou da roupa suja ao pão.

«O kilo custa 100 réis e não tem comparação com a saudavel e escura massa allemã».

De facto, «a escura massa allemã» (tradução que é exacta), é a melhor descripção do pão da Allemanha.

Saudave?! *bitte sehr!* é que Frl. correspondente está segura, de não tornar a dirigir tão cêdo, a sua negra massa, que, á vista, dá a precisa ideia do pão ganho com o suor do rosto.

«O pão lisboeta parece feito de buracos e não de farinha.»

Decerto, Frl. Correspondente,



- DA - LHE
A DATATA, ZÉ!



TRANSPORTE HYGIENICO
DO PÃO

concordo plenamente, em que um kilogramma de massa negra, é mais consideravel do que o kilo de pão... sobretudo esburacado

Ah! agora comprehendo, é o terrivel inconveniente de não se poder comer em Lisboa o pão da vespera, que a desespêra.

Paciencia, Frl. Correspondente, cada terra com seu uso... Por isso tambem se reza o Padre-nosso allemão: «O pão d' hontem nos dae hoje...»

Frl Correspondente do «*Lokal-Anzeiger*», não pôde supportar sem repugnancia, o cheiro do «*bacaljou*» (como ella enquadrou em letra gothica), e sobre elle, faz uma critica damnosa e feia.

Confesso o meu espanto, Fraulein, ao conhecer a reluctancia, habituada, como decerto foi desde creança, de «*Bacdfisch*», das edades em que a tudo se afaz, á immensa variedade de odores, que á mistura com o odor da agua de Colonia, nos apoquentam a pituitaria, portas a dentro do imperio allemão.

Como genero alimenticio odorifero, lembrar-lhe-hei, Fraulein, o arenque sêcco, esguio, tês e negro, esse mimo da dispensa allemã, que só *Michel* pôde engulir, sem tapar o nariz.

Não é porém o arenque ainda, o peor odor do imperio; o cheiro do





ihau fede a «bacaljou»,
exhala a casa allemã até á
rua, o pestifero odor do
queijo allemão

Quanto o portuguez olha
as apparencias, é o alle-
mão de uma tal parcimo-
nia consigo mesmo, que
nem Balaão conseguiu com a sua
azémola. Effectivamente, *Michel*
habituu-se a não morrer de fome.

Unica refeição regular é a do
meio-dia, em que a bolsa germa-
nica se alarga, para aque-
cer uma sôpa de cogumel-
los, uma costellêta de por-
co e a cauda d'algum pei-
xe de rio, sem sal nem
pimenta; ao fim d'esta
farta refeição, alguma
mal preparada com-
pota de pêra ou de
camarinhas e o nefan-
do que jo.

Depois das
horas de tra-
balho, refas-
tella-seo nos-
so *Michel*,
n'um prato

arenque é a cen-
tesima parte da
mistura das es-
sencias envene-
nadoras, que nos
fazem tombar,
ás portas das
tendas germa-
nicas. Peior
do que elle é,
o do queijo alle-
mão, essa ne-
grecada decom-
posição de cam-
inhos, que a
kilometros, já
nos offende o
olfacto tão des-
agradavelmente.

Michel porém
dá-lhe um apre-
ço tão patriótico,
como o lisboeta
ao *bacaljou*, e se
o canto do baca-



cheio de rodellinhas,
de tudo o que o pôr-
co dá.

Oh! a--*Aufschnitt!*
A *bouillabaise* de
Michel!

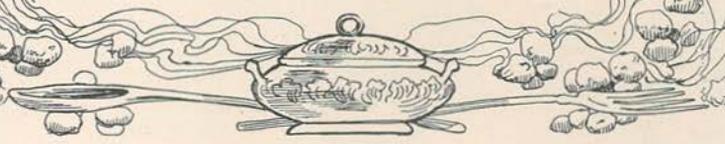
A' mistura com a
massa escura e *sau-
davel*, assimila o alle-
mão, todas as no-
tes, as rodellas das
mil variedades de
chouriços, em que o pôrco
se transforma. O pôrco? Se-
rá o pôrco quem sustenta
a terra n'este prato nacio-
nal? Nem eu sei; já perdi o
paladar, na mistura de
carnes, de boi, de vi-
tella, de pôrco, de ca-
vallo e de cão.

A's dez da noite,
Michel sente-se abar-
rotado e feliz... e dei-
ta-se.

E dizia-me um
allemão, um dia, as



A MARGARIDA
DO FAVO
EM PROSA



suas venturas, por ter vivido em Hespanha, e poder, em plena Alemanha, gosar das delicias da cosinha hespanhola, que sua mulher aprendeu a conhecer!.

Emfim, eu permitto-me passar depressa por sobre a critica de Frl. Correspondente, á familia do chefe de repartição, á Fifi que toca no piano velho, á mamã que vae ao quinto andar da modista, etc., etc., artigos de revista do anno, em que Frl. Correspondente estuda a nossa lingua e mal digeridos traduz para o «Lokal-Anzeiger.»

Outrotanto não faço, com a parte do artigo em que escreve:

«Tambem aqui não é cara a batata, mas o portuguez não pôde ou não sabe preparal-a.»

As batatas!

Eu já extranhava vêr uma alemã não tocar na batata; a batata, o sangue da vida germanica, esse tuberculo, que desaparece duas vezes por dia, nos 65.090.000 de boccas germanicas faltava pois ainda, na primorosa critica da Correspondente do



D CONSELHEIRO

CANTINA DE PASSAROS

[FRAN KOMMERZIENRAT]

VOGELGEBANG]



-VOJE TEMOS:

SÓPA DE BATATA

CHOURIÇO COM BATATAS

BATATAS IMPERIAES

OMELETTE DL PEPINO

z

CERVEJA DL BODE

DOIS MARCOS DL GORGÊTA.



Hugo Sarmento

Saxe Fervereiro 1911.

«Berliner Lokal-Anzeiger». Es-se lamento, de que em Portugal não se faça tambem da batata o elemento capital da vida, é o queixume do martyrio; é que decerto não se terá dado a Frl. Correspondente, batata bastante, como bem merece, porque é certo, que, em Portugal, eu já tenho comido batata cosida, assada, guisada, frita, recheada, batatada, em purée e em salada sem vinagre de pau de campeche, e até com inveja, a conselho a ir ás iscas, e aprender a dizer «com ellas!» que é ventura que esta infeliz terra não tem!

Se falasse da sôpa de cerveja e da couve encarnada!

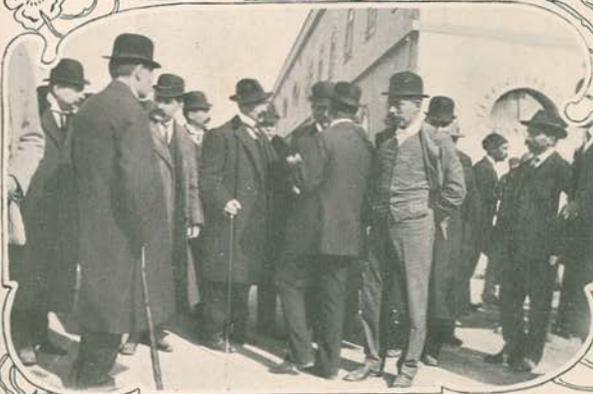
Mas Frl. Correspondente confessa que se habituou, feliz creatura, que ao menos conseguiu habituar-se ao meio, e aos segredos da cosinha lisboeta!

Ah! pudesse eu ao menos, trocar com ella o jantar, eu mandalhe-hia, sem pena, chouriços, porcos e tudo o mais!



ARNALDO FONSECA—De ha muito que se revelou

um escritor de raça. A sua prosa é bizarra como o seu temperamento e tratando o conto, a chronica, o romance, Arnaldo Fonseca é sempre o mesmo artista consciencioso e original. O seu ultimo trabalho *Do Regicidio á Republica*, que está sendo publicado pela livraria Cernadas, é uma curiosa e interessante documentação da epoca curta e agitadaissima que viu tantos factos da mais alta importancia politica. A obra inicia-se por um perfil do rei D. Carlos, analysado atravez os criticos do seu tempo, e que o escriptor soube escolher com um criterio magnifico, a dar-nos uma nitida impressão de monarcha a que se chamou desde a sua aclamação *D. Carlos primeiro e ultimo*. Digno de ser lido esse livro é um trabalho de documentação que honra os estudos historicos.



- 1—Arnaldo Fonseca
- 2—Aspecto do salão do Grande Casino Peninsular da Figueira da Foz, onde se realizou o almoço offercido ao sr. ministro do Fomento
- 3—A visita do sr. dr. Brito Camacho ao Cabo Mondego

O ministro do Fomento visitou em 11 de março a Figueira da Foz, onde lae foi feita uma grande manifestação, sendo-lhe offercido um banquete pelos elementos democraticos e pelas classes commercial e industrial da villa.

A Mulher de Barcellos

Já Camillo affirmava que as moças de Barcellos levavam de vencida as lindas mulheres das redondezas no rosado da face, na robusta elegancia do corpo e na viçosa alegria.

Anteolha-se á nossa rotina uma interminavel collecção de desenvoltas moçoilas que põem a cabeça humana á razão de juros.

Morenas, de andarem ao sol e loiras gentis, ligeiras, em passo rhytmado saracoteiam-se pelo campo.

As saias balouçam-lhe ao deleve nas curvas das pernas tentadoras.

Mimosos palmos de casa, virgens do *maquilage*, emergem d'entre *boleios* esparso d'essa camisa de alvo linho.

Clarões luminosos brincam doidamente em rosto oval.

A cada canto deparam-se-nos:



Typo de mulher de Barcellos



Vendedeiras de cereaes

olhos microscopicos, contas de rezar: grandes, amendoados, que tentam saltar das orbitas.

Ha-os negros scintillantes, mysteriosos, verdes como os da *Joaquinha* de Garrett; e azues duvidosos, incertos como as aguas do mar.

A vista embriaga-se na orgia da coloração quente que os vestuarios da camponeza exhibem.

O lenço de côres garridas encoifa-a até á nuca e as pontas caem-lhe como duas azas de

andorinha nas orelhas.

Atravessado em cruz afagando os peitos tremidos de desejo, o chale de flócos contorna-lhe o corpo até ás ancas opulentas de carnação luxuriosa

O ouro — a eterna tentação dos *conversados* que procuram noiva rica — n'uma plethora de grossos cordões, cruzes com Christos crucificados em seios ardentes de volupia, e corações luminosos faiscam sob um pescoço de cysne

E' o *chic*, o luxo da aldeã.

Isenta de artificios não tem as *poses* estudadas ao espelho da burguezinha petulante.

Liberta-se da moda que leva a citadina ao uso da *toilette* provocadora, exageradamente *entravée*.

Como lhe fica bem, mes-



Vendedeiras de rocas



Arredadas dos trabalhos agricolas
tratam então o corpo.
A consciencia, essa, *descarrega-a* o sr.
abbade.

São estas mulheres que procuram rapazes calossos
de força, que a mais das vezes, acoissados pela miseria
aportam ás plagas d'além mar.

E os braços musculosos que escasseiam no fabrico
das terras, teem por continuadores da tarefa quotidiana
— a aldeã.

Eil-a, desde o
romper do sol á
bocca da noite, a
revolver, a golpes
de enxada, o ventre
fecundo das leiras
ferteis.

Chegada a epoca
das romarias, por
um sol abraçador,
ao som da viola
braguêza, baila e
canta estradas fóra,
de sorriso radiante
na curva dos labios
amorangados.

*Barcellos, novembro,
1910.*

DOMINGOS FERREIRA.

1—Surprehendida
na «toilette»



2—Mercado a loiça
3—O descanso da lavadeira

(Clichés do sr. Augusto Soucaussaux,



mo a matar, a
saia de baeta
crepe, sobre as
anaguas a es-
preitarem gaia-
tamente.

Jámais em-
pregaram, louvado Deus,
o cinto esthetico —
anti-obeso, ou in-
gerirem a innovação
medicinal das pilulas
Orientalis para o des-
envolvimento dos
seios — uberes bein-
ditos, que alimentam
um rebanho de bec-
cos.

O corpo anda li-
vre, á vontade.

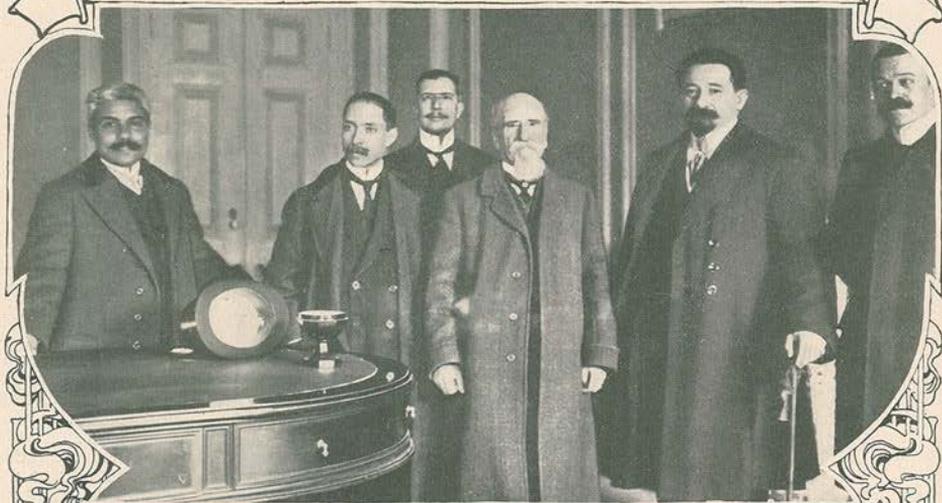
E' a natureza exu-
berante de viver en-
toando um hymno
glorioso á liberdade.

Almas simples em arcaboços palpitantes de
seiva.

Quando muito, pelo S. Miguel — ultimada a
quadra das colheitas — dirigem-se de preferencia
á praia d'Apulia — brinco de encantos.

A estação balnear é ephemera quinze dias o
maximo.

OS PRELIMINARES DE UM CONCURSO SENSACIONAL.



1—Os concorrentes no acto de tirarem á sorte a ordem das suas provas: Da direita para a esquerda

srs. dr. Lino Netto, dr. Santos Lucas, Thomaz Cabreira, Pina Vidal, Affonso Costa e Achilles Machado

2—O concorrente á cadeira de Economia Política dr. Antonio Osorio

3—O sr. dr. Affonso Costa sahindo da Escola

4—O sr. dr. Affonso Costa com o sr. dr. Antonio Macieira e Thomaz Cabreira chegando á Polytechnica no primeiro dia do concurso





1—A mesa do jury durante a defesa da these do sr. dr. Afonso Costa
2—O sr. dr. Afonso Costa defendendo a sua these sobre emigração perante o Jury do concurso
(Clichés de Benofel)

COMO OS ESTRANGEIROS VIRAM PORTUGAL

Em pequeno, ouve-se com pavor aos varões
doutos da aldeia que:

Portugal é um ovo
Hispanha uma peneira
França uma masseira

Esta corographia comparada, tão infalível como o mappa-mundi de Marco-Polo, faz-nos pensar. Portugal pôde ser partido a um leve toque da peneira ou da masseira. Pergunta então a phantasia como podem ser essas outras terras onde não estamos nós, nem os abbades trotando em orças pretas pelos caminhos claros adormecidos, nem a historia da formosissima Floripes e a biblia dolente da alma serrana. A legenda que tem como uma torre do Tombo resposta para tudo diz então: Uma vez um homem traçou do bordão e partiu a correr as sete partidas do mundo. Andou, andou até que foi dar a um logar onde a gente comia calhaus e ladrava como os cães.

E' esta a tradição do homem que foi vagabundear fóra do



seu grau de latitude e d'ella não se distanciam muito as narrativas escriptas de viagem. Para lá da raia todos os costumes parecem ridiculos e os idiomas mais ou menos ladrados de cão. A parte subjectiva, sobretudo, ha de sentir-se sempre do falar incorrigível do campanario natal, mais que nenhum outro alto, sonoro e religioso. Além d'isso o que colhe o viajante é a poeira vadia da forma e não os segredos das coisas que segredos são.

Os estrangeiros que calcurrearam o solo portuguez não infringiram esta lei psychologica. Ir a Portugal pela

Moinhos nos arredores de Evora, no seculo xviii

estrada terrestre antes do sud-express, era tão dramático e solenne como ir a Jerusalem. Só em desespero d'amor ou por temperamento d'aventura se afrontavam os bacamartes das duas Castellas e o mysterio temeroso que envolvia a orla occidental da Europa. O silencio e a desolação da lande tinham ali armado toda a casta de emoções e de esparrelas. Lisboa e Porto eram familiares á Europa mas a provincia retraia-se atraz da jornada pavorosa da mula ou dos solavancos da liteira. E' por isso que o estrangeiro tomava a precaução de ali entrar de pé esquerdo, sentindo a commoção do homem civilizado que tira a virgindade a uma região desconhecida. As chronicas que deixaram estão inçadas de alarmes, da uneção e da philaucia natural de quem

tocou o ignoto. Mas entre estes peccados o pittoresco seiva abundante e formoso, tal como se pôde colher no nosso Alvaro Velho, enumerando o innumeravel, elevando a cada passo a nota scientifica referida por Brotero e outros, engrinaldando suas paizagens do *cistus crispus* de petalas cor de laranja salpicadas de sangue, da *erica australis* de grandes flôres cardina-licias, do *tebrao rufus* clarinetando ao vale de cima da renda celtica d'uma parede.



Alguns estrangeiros que por Portugal andaram, sem o interesse autodidactico de Link ou do conde de Hofmanseg, trazendo sempre em gatilho a sua civilisação de punhos de renda, e diligencia imperial, publicaram sobre nós paginas nervosas e infernaes.

Para estes os luzitanos ladravam como cães e os seus costumes cheiravam a pedra lascada e ao gosto de tu-

Mas depois de 55 com o estampido do tremor de terra ou porque a Europa ensarilhasse as armas, os touristes, os curiosos, alguns delicados puzeram-se a caminho, Castella fóra, ou dobrando o cabo da Roca em navio inglez de Plymouth.

N'esses seculos a cidade maritima não era de modo algum a pedra de toque do reino. A cidade maritima era



Liania de Coimbra no seculo xviii

gravura do livro de Murphy

tano do homem primitivo. Mas os delicados saborearam a vida portugueza. Desde o abade Vertol até M^{me} Adam os peregrinos intellectuaes entraram e saíram e os seus dizeres divergem como n'um debate classico sobre o Valle de Josaphat ou a Atlantida.

Foi depois do terremoto de 1755 que os viajantes caíram sobre Portugal em fila de formigas. De toda a nossa vida historica parece que foi o estromdo d'este cataclismo que mais atrahiu a attenção da Europa. Aljubarrota e as batalhas da Independencia passaram despercebidas como rixas d'irmãos, em hora desenfastiada. As descobertas e aventuras maritimas da grande era tambem não causaram reparo porque muito ia n'ellas o mobil commercial, e nas naus que carregavam as especiarias mal se via o myope astrolabio e as quilhas que cortaram mares de fogo e mares de gelo indevassados. Lisboa era então a cidade mais commercial do mundo e os olhos d'essa epoca convergiam mais sobre as mercadorias que sobre as cartas geographicas da terra.

um centro cosmopolita, mais familiar ao estrangeiro que ao indigena. A descentralisação impunha-se como uma lei das coisas, e esta desintegração da cidade estava no espirito de quem entrava ou sahia a barra. D'aqui o inedito que guardavam as provincias portuguezas.

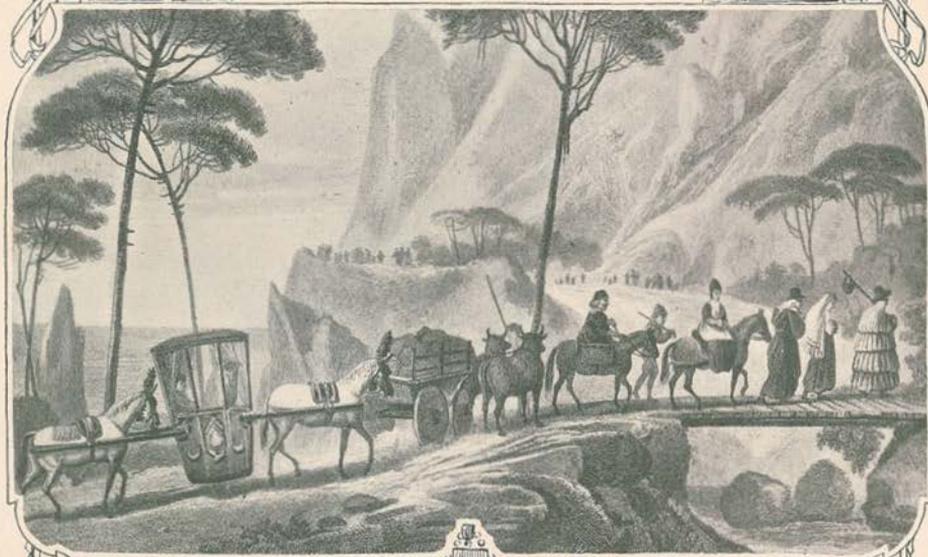
Du Val, geographo ordinario do rei de França vem em 1734 levantar a carta da Peninsula e traçar o alphabeto dos dois reinos. E a sua memoria abre sacramentalmente pela mesma alegria de desvirgamento comparando a Iberia a uma grande pelle de boi estendida por terra e anotando latitudes e rudimentos geographicos.

A grande difficuldade era atravessar a pelle de boi até Lisboa, onde os galeões inglezes molhavam, sem estalagens, estações de muda e com hidalgos de trabuco aperraado pelos cerros de Hespanha

Da inhospitalidade d'este precurso todos se lastimaram, mesmo quando os trens na linha de Caceres

marchavam um pouco mais depressa que as vacas. Ha cerca de um seculo a *duquesa d'Abrantes* sentia toda a voluptuosidade da dor que ha na anti-these d'um mal presente por um bem deixado, a fôta commodidade dos salões imperio pelo grabato regateado do Alemtejo. Todos porém, entre as agruras da rota, rendiam homenagem á natureza de Portugal, á varinha ma-

mildade do aldeão commovia-os sem lhes repugnar. Os sensiveis como Link, como Murphy comprehendiam esta religiosidade estagnante dos seres e das coisas, esta eternidade das horas e dos costumes n'um paiz tão formoso. A liteira, o almocreve e o recoveiro appareciam-lhes, finalmente, como necessarias figuras decorativas, ambulatorias, n'este meio



Como se viajava em Portugal no

seculo xviii (Do livro de Taylor)

gica que separada na fronteira para um lado a rocha, a charneca, a intratabilidade social, para o outro a formosura das coisas, a esteva de grandes flores vermelhas, o laudairo de umbela branca e pistilo d'ouro, os laranjaes; de fructos acesos na nuvem d'esmeralda, a alfazema, o rosmaninho alegre e atico, os rios cantantes, a afabilidade que aquece a frieza das penhas.

Para cá da raia convinham que era verdadeiramente o que Plinio dizia ser o logar destituído dos Campos Elyseos.

A impressão d'elles sobre os seres era paralela quanto ás qualidades basicas das raças.

O primeiro sentimento era o d'um nirvanismo despotico entavando o passo do portuguez, um recuo muito pronunciado—4000 annos dizia o carbonario Joseph Pechio—atraz da marcha do mundo. Depois a boa saude popular communicava-se-lhes, a franca e rustica camaradagem da caneca cheia de vinho gageiro e da fibra do presunto, desarmava-os. A hu-

de conservação. O frade e os enxames de mendigos de escudela á porta dos concelhos beliscava ao de leve seu humor de actividade; mas afaiziam-se e acabavam por abancar ao refeitorio farto, onde as sombras dos cilicios se convertiam em ronda bacchica em torno do vitello que rescendia ao céu e das varas de cachos mais luxuriosas que os versiculos do *canticum*.

Elles perdoavam e explicavam todos os vicios do campones, o seu barbaro modo de vida, a sua resignação e aquella fanfarronada áleria, infantil, de que Portugal era o primeiro paiz do orbe. Todos os povos atrasados eram assim, zelosos da sua estatica, penetrados da belleza das coisas, até a necessidade de expandir na trova ou no adagio. Sentidamente discorriam sobre a petrificação da sociedade portugueza, a agricultura arruinada pelo commercio de economia da Grã-Bretanha, as ferteis vertentes abandonadas ao sargaço de flores pasmadas

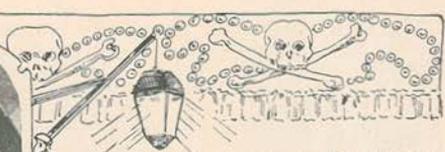




1—O tumulto do marquez de Pombal
gravura do século xviii.
2—Um enterro em Lisboa no século xviii

como olhos chinezes, ao fêto vaidoso, á herva damninha inominada onde o *tetrao rufus* ia acalentar os perdigotos. Ange Goudart compôz um volumoso discurso philosophico-social *sur les avantages que les portugais pourroient retirer de leur malheur*, e que se vendeu em Paris, *chez Philantropie, à la Verité*.

Este não comprehend a — como todos os viajantes francezes — a hegemonia ingleza n'um povo que andou de Séca em Méca a zargunchar o mundo, sósinho, sem outra candeia que o as-



trolabio de um seu mathematico, e umas cascas de nóz, de que riam as ondas.

A presumpção, que viam fluctuar mais á-decima do caracter portuguez, attribuiam-na á logica de uma aristocracia de sangue e ao echo inextincto de um esforço formidavel dispendido.

Forte só elle, o portuguez, nação forte só a portugueza, *cem vezes combatida mas nem uma só vencida*, os seus processos unicos na terra. O lepidio arriero dizia ao sabio botanico: *além no cocuruto d'aquelle serra é o Pico do Boriageiro; Lá de riba avista-se o mundo inteiro!* O corregedor de Vizeu sentenciava enfatuadamente: *sim, Portugal é pequeno, mas é um torrão de assucar.*

Entravam este amôr ilimitado do campanario e esta vaidade antropocentrica a cada tope, na estalagem, á sombra de palacio, na gente policiada da capital de espada chocalhando no talim — cheios de si, a sua confiança no jogo de concursos favoraveis dilatava-se até o sobrenatural: *Deus nunca faltou aos portuguezes.*

A apathia social provinha d'isto, as leguas que não tinham fim, a sésta romantica depois das espadeiradas, os mimos do sol, e umas instituições politicas rheumatisadas a comer marmelada e assaltar pelo orvalho das noites as janellas dos conventos.

Viajante que estivesse de longada em Portugal penetrava a vida nacional sentia, lastimava, mas absol-



via sempre. Os outros, que passavam a correr, como o duque du Chateles, Pourcet de Foudyre, e o gentilhomem Tvvis lavraram um roteiro de estafeta, falso e imaginativo, salpicado de danças lascivas de maiatas e de sangue a cada desastre de que-rela. Tvvis, com aquela frieza britannica exclusiva e um culto pedante da esthetica, não attendeu, sequer, ás mutações necessarias que ha de meio para meio. O bloco de hu-lha, o aposento aquecido artificialmente e o utilitarismo são o archetipo e ahi se esmurraram, evidentemente, todos os nossos habitos de clima doce e natureza prodiga.

As damas d'este paiz — conta elle — andam montadas em jumentos sobre grandes albardas. Um creado que vae atraz toca a besta com um pau aguçado e se ella deita a correr segura pelo rabo. Os homens, esses teem cavallos, mas os creados, assim como os medicos, que não teem posses para uma equipagem,

1—«O Albergue dos Carvalhos»
(do livro de Taylor)
2—«A aldeã do Alentejo: a vendedora de fructa
de Lisboa e a mulher da Beira
(Do livro de Taylor—Voyage en Espagne
et Portugal)



andam em mulas.

Pechio, subtil e amoroso, bebe sofregamente na natureza e chora o despotismo official mais esteril que a peste de Alexandria.

E perante a bôa gente, afavel, sincera, loquaz, flamenga, a imponencia do homem, exalta-se: *O craneo do portuguez é de uma estrutura quadrada e magestosa: frontes assim só na escola de Athenas ou de Raphael. Parece-me que se Gall tivesse observado estes craneos encontraria ahí bem pronunciado o órgão das conquistas.*

Sobre Lisboa as opiniões são unanimes quanto ás bellezas da cidade. Mas tropeçam ahí na miseria a cada passo, no mendigo, na basofia despida de ingenuidade, um pouco na vidairada do lazzaroni. Murphy e Link calam o enthusiasmo. Majunot, n'aquella lingua de prata que pôz a descoberto a roupa suja do imperio, maldiz, ironisa, blastema, criva, sobretudo, de motejos, a bella *petandière* que era a côrte. Byron, n'uma hora em que a sua neurasthenia fumegava, cantou as excellencias do meio e as ruindanas dos habitantes.

Quanto ao caracter dos portuguezes a discordancia é completa.

Uns marcam-nos a traços negativos, o ciume, a dissimulação, a vaidade, a preguiça, o culto do mediocre, o odio aos hespanhoes, o verbalismo, a servilidade, versatilidade, superstição, espirito rotineiro, leviandade, individualismo, etc.

Prolongando a escola f. caria ilaqueada a cifra das virtudes que lhe outorgam e são em substancia: vi-



1—Um negociante portuguez no seculo XVIII com a sua mulher e a sua creada

(Do livro de Murphy Voyage en Portugal)

vacidade, penetração, discreção, generosidade, sobriedade, coragem, afabilidade, sociabilidade, amor da epopeia, etc.

Os viajantes modernos observam ainda peor; a mesma nevrose de vida intensa que os levou os traz.

As faculdades de percepção objectiva não progrediram como os meios de comunicação e onde o antigo viajante era obrigado a deter-se, porque a invernia tinha arrastado a ponte ou o macho estava por ferrar, o expresso passa vertiginoso e incontemplativo.

Só madame Juliette Adam, n'um grande amor, comprehendeu umas moleculas da alma portugueza e as agitou aos olhos do mundo em paginas peregrinas, adoraveis e migratorias como as andorinhas.

Paris, março 1911.

AQUILINO RIBEIRO.



2—«O Fandango» (Do livro de Murphy—Voyage en Portugal) (Gravuras da Bibliotheca Naclon.) Cliches de Benoitet



A EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE D. Julia Vouga Ribeiro da Silva.

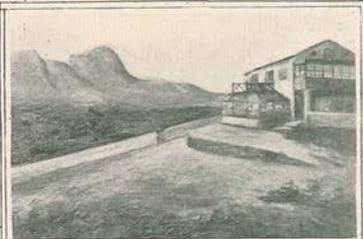
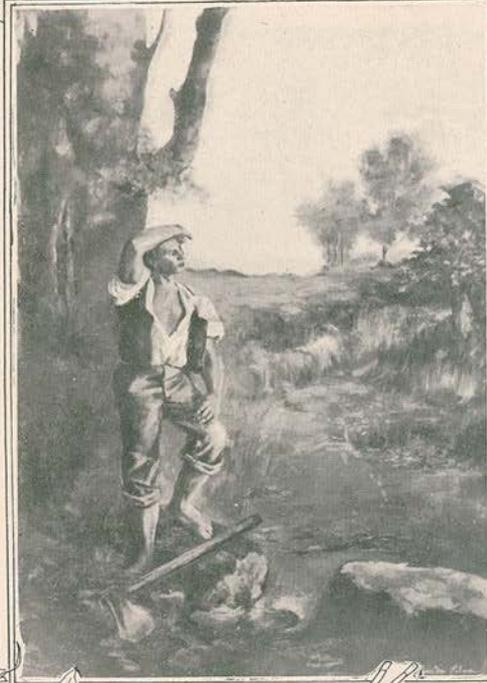
Ha dez dias que o salão d'esta revista se honra de expôr a um publico numeroso, em que as senhoras põem uma nota de requintada elegancia, a obra já consideravel de uma das nossas mais laboriosas e distinctas amadoras de pintura: a ex.^{ma} sr.^a D. Julia Vouga Ribeiro da Silva. São cincoenta e cinco telas dos mais variados generos: payzagens, marinhas, natureza morta e figura, que revelam evidentes qualidades de observação e de factura e a influencia intelligente da sua professora: essa artista de veridico talento que é a ex.^{ma} sr.^a D. Lucilia Aranha Grave, esposa do illustre escriptor João Grave, que Lisboa quasi apenas conhece de nome e cuja obra a *Illustração Portuguesa* espera ter a honra de apresentar um dia á apreciação dos nossos cultores de Bellas Artes.



1—«Cabeça de mulher»
2—«Alpendre» Leça do Bailio



A exposição actual, cujo producto reverte em beneficio dos orphãos da Madeira, tem, pelo criterio especial com que foi organizada, a vantagem de permittir abranger os progressos da distincta amadora, desde os primeiros e tateantes ensaios, como



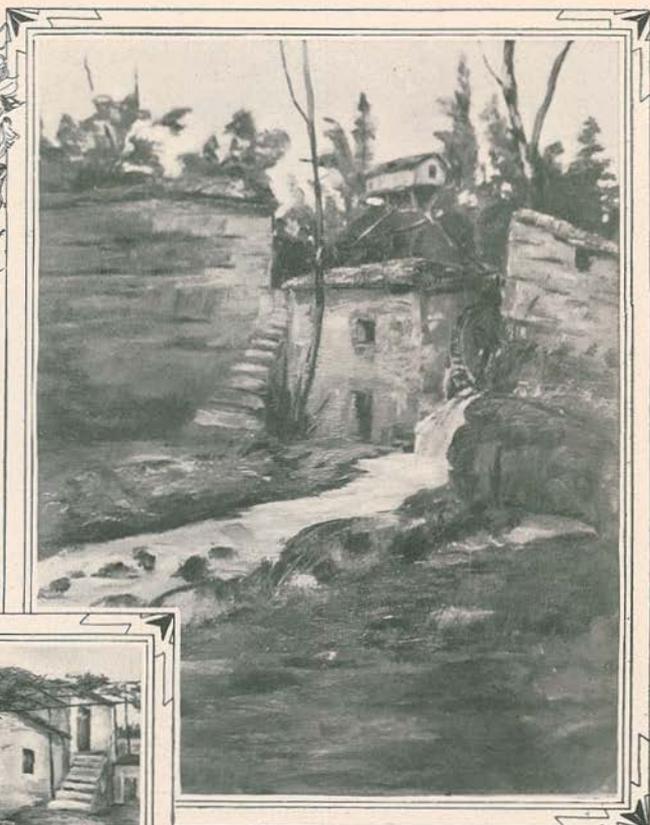
o Logar do Sanatorio, e as telas pintadas em Italia, até aos seu trabalhos mais recentes, como esse lindo *Luar na Serra da Estrella*, onde se observa uma muito maior segurança na distribuição das tintas e uma maior harmonia de composição. E esse é um dos



1—«Lenhador» 2—«Minha casa» (Serra da Estrella) 3—«A minha creada»

seus encantos, porque afirma da parte da illustre e generosa expositora uma sinceridade quasi candida, quando lhe seria tão facil proceder na exhibição da sua obra a uma selecção previa, de modo a subtrahir da publicidade as incertezas dos seus primeiros ensaios.

A *Illustração Portugueza* aqui deixa consignadas as suas sinceras felicitações á illustre expositora pelo exito que consagrou a sua iniciativa benemerita e o seu talento de artista.



- 1—«Asenha no Gerez»
 2—«Quinteiros» (Viella)
 3—«Pescador» (Leixões)



92. 22. 11.

COMO NOS DEVEMOS ALIMENTAR

POR MADAME SELDA POTOCKA

O ASSUCAR — UM ESTIMULANTE DA ACTIVIDADE MUSCULAR — O USO QUE DEVE FAZER-SE DO ASSUCAR

O portuguez é por viciosos habitos de alimentação um grande consumidor de assucar. Em toda a meza portugueza os doces tomam um lugar em evidencia. São o adorno predilecto e infallivel dos jantares de festa. E se constituissem apenas um

fructa e no café e não se despedindo ainda do assucar sem a chavena de chá da meia noite, o portuguez agrava notavelmente o orçamento domestico, só n'este capitulo do assucar, sem vantagem, antes com manifesto prejuizo da saude.



Apanha da canna de assucar na ilha da Madeira

adorno, o mal seria nenhum para a saude. O peor é que se comem desmedidamente na mais inoportuna das occasiões: quando o estomago está replecto de iguarias. Ingerindo assucar ao primeiro almoço com o chá, o café ou o chocolate, voltando a usar do assucar ao segundo almoço, consumindo-o em maior quantidade ao jantar, na sobremeza, na

Não é que o assucar seja prejudicial. E' pelo contrario um alimento valioso e necessario. Mas torna-se indispensavel saber usar d'elle.

Uma das suas caracteristicas é a de se digerir, assimilar e transformar em energia rapidamente, sem esforço. Não deve porém entrar como parte importante na nutrição senão quando é utilizado pelo trabalho mus-

cular. Não sendo assim, irrita as vias digestivas, engendra productos acidos, que emquanto não são eliminados deixam no organismo, como as toxinas, uma sensação de fadiga.

Ora é precisamente o inverso que geralmente succede. Em these geral, na nossa época, os sedentarios e os intellectuaes ingerem assucar em excesso e os trabalhadores manuaes não comem a quantidade de assucar que lhes seria util e necessaria. Estes tinham tudo a lucrar em substituir o alcool pelos alimentos assucarados nos regimens de trabalho de movimento e pelas gorduras nos trabalhos de resistencia. Note-se que no estomago o assucar e a gordura se contrariam mutuamente. E' pois de conveniencia que um ou outro seja o predominante na alimentação.

O assucar é igualmente utilisavel como alimento de economia nas doenças agudas e sua convalescência, na debilidade, na velhice e na maioria dos casos em que se impõe uma alimentação ligeira, capaz de ser facilmente digerida.

As crianças habituaem-se com extrema facilidade ao assucar. Mas para ellas o vicio do assucar é tão prejudicial como o alcoolismo para os adultos. E' com os excessos de assucar que os dentes das crianças se cariam e que os seus estomagos e intestinos se atrophiam por inactividade. Na infancia o assucar deve ser administrado com parcimonia:

raramente em doces, pudins, pastéis, chocolate e cacau; nunca em bombons. O melhor assucar para as crianças é o da fructa, já diluido e associado aos saes mineraes convenientes ao crescimento.

Sempre que o assucar se ligue a uma quantidade excessiva de manteiga deixa de constituir um alimento saudavel. Para os dyspepticos, o mel é o melhor e mais hygienico vehiculo alimentar do assucar. Entre as sobremezas mais digestivas devem-se

especialisar os biscoitos, os bolos secos, *madelines* e *gaufrettes*, os crèmes, os *soufflés*, os pudins de arroz, de cevadilha e de outros cereaes. Todos os alimentos em cuja composição entra o assucar são consideravelmente nutritivos. Uma ração de pudim de arroz pôde calcular-se que representa em média umas 300 calorias, um prato de crème 250 calorias, as duas pedras de assucar com que se adoça o café 60 calorias!

Creio que esta revelação basta para fazer comprehender a necessidade de reduzir na alimentação o uso do assucar, que para um adulto de actividade moderada não deve exceder 250 a 300 calorias diariamente. O assucar contido em duas chavenas de chá ou de café e na ração habitual de fructa attinge facilmente esse quantitativo.

Ultrapassa-o é um erro.

Selda Potocka.



Cozinha rustica, aguarella de Roque Gameiro

Um Grande Empresario

O DIRECTOR
DO THEATRO
DA REPUBLICA

Um dia a uma meza erudita de café, Fialho d'Almeida, o mais extraordinario narrador de episodios e de aneddotas como já-mai: ouvirei, dava-se ao dulcideo prazer de recordar o perfil do visconde de Ouguella—que os scepticos de trinta annos por certo ignoram—e de lamentar-lhe a ociosidade desdenhosa por não ter deixado no seu espolio fruste de escriptor um livro de memorias que, dizia Fialho, a dar-se o caso de elle o ter escripto, deveria ser curioso manancial de figuras e de factos, de homens e de incidentes, pois que Ouguella fôra um commentador palreiro de engenhosa vivacidade dado os seus olhos terem mergulhado em multiplos transe, dolorosos e grotescos, evocados alguns, á porta do Bertrand, nas horas melancolicas da saudade. E a voz persuasiva de Fialho accentuava:

—Todos os homens cuja inquieta pupilla de analysts sondou e fixou aspectos sociaes, typos, ambições, artificios, monomanias; todo aquelle que viveu na intimidade de um grande homem, deveria redigir seu livro de memorias, onde mais tarde, emmudecidas de vez as consciencias que o fizeram brotar, e decorrido sobre os acontecimentos um vasto lapso de tempo, tudo de novo, acontecimentos e consciencias, desabrocharia como n'uma esplendida e inedita resurreição. Foi isto mesmo que, ha tempos, eu repeti a S. Luiz Braga, o empresario illustre do theatro da «Republica» quando, n'um fugidio momento de palestra, elle recordava um ruidoso almoço na casa de campo de D'Anunuzio com a assistencia da Duse intimidada. Os episodios desenvolviam-se vertiginosamente com seu resaibo subtil de ironia caustica, e, n'elles, dramaturgo e interprete, se agitavam como gnomos nas mãos ageis e dextras do empresario. E, á queima-roupa, perguntei-lhe:

—Porque não escreve tudo isso? Seria um delicioso capitulo para um projectado livro de memorias.

E n'um lento gesto de enfado, ou antes, de-fadiga, S. Luiz Braga, replicou-me:

—Para que?... Fallemos d'outra cou-sa...

E sempre, desde então, a sua resposta tem sido identica a equal interrupção que lhe é endereçada:—Para que? ..

Eu não sei se os senhores conhecem um curioso, malicioso volume:

Les étoiles en voyage que, ahi por volta de 1893, Schurmann lançou á pu-



Visconde de S. Luiz Braga



me trata apenas de tres grandes figuras—Patti, Sarah Bernhardt e Coquelin—qualquer d'ellas, por fulgida que seja a aureola da gloria que as envolve, logo após a leitura um clarão de ridiculo as conspurca que não ha banho lustral, nem anathema colerico



blicidade avida de escandalos e de grotescos. Se effectivamente o não leram, deixem-me que os lastime com todo o fervor da minha alma apiedada, pois que esse volume de 200 paginas, pouco menos, encerra uma admiravel documentação ácerca de certas intimidades prevaricadores de artistas e narra todo o occulto e mysterioso drama de ambições em que essa galeria de intepretes scenicos é rica e opulenta. Schurmann, no entanto é uma d'essas creaturas sem fulgores d'emoção, insensível a todo o prestigio de belleza, e d'ahi encara os episodios pelo seu lado brutal unicamente. E se o seu volu-



scenicos é rica e opulenta. Schurmann, no entanto é uma d'essas creaturas sem fulgores d'emoção,

que as devolva integras á nossa admiração compadecida.



- 1— S. Luiz Braga aos 10 annos
- 2 — Caricatura em gesso de S. Luiz Braga
- 3— S. Luiz Braga (Cliché Camacho)
- 4— S. Luiz Braga em 1899
- 5— O ultimo retrato de S. Luiz Braga

Em S. Luiz Braga, a dar-se o caso, pouco provavel quero crê-lo, de elle redigir um dia o seu livro de memorias, as figuras teriam uma expressão mais doce, uma physionomia mais suave, pois que o grande emprezario portuguez não visiona acontecimentos e factos apenas a uma luz violenta e dardejante, nem o seu criterio se offusca com o parcialismo da paixão. S. Luiz Braga é, antes, um temperamento enternecido, uma alma de audacia intrepida mas a que não escasseiam nimbos de melindrosa delicadeza. Os factos, para elle, valem pelo seu cunho moral é certo, mas a esbater-lhes a arrogancia, a ambição, a subtiliza perfeira, está a carinhosa frivolidade do seu sorriso que não deixa que o amargor lhe chegue aos labios, ou que, ao focal-os, o travo alastre de fôrma a raiar-lhe os olhos de um fulgor raivoso e que a visão doure de coleras vindicativas todas as suas attitudes, gestos e commentarios. Quem pretender julgar-lhe do caracter pelo simples aspecto exterior



dil-o-ha um temperamento de desdenhos indifferentes, adorando a tranquillidade e a commodidade, refractario ás tarefas arduas e, acima de tudo, tendo da vida a noção da felicidade ociosa; dil-o-ha um espirito supersticioso, para quem o exito vale pela somma de casualidade imprevisita que exprime, para quem, nascido á luz de uma estrella propicia, tudo quanto de triumphal e de victorioso succede o filia nos designios de uma providencia affavel e captivadora. Pois bem, S. Luiz Braga é, sob aquella mascara de tranquillidade prospera, um luctador e, sob a sua falsa apparencia de indolente vibra e estremece uma enorme actividade mental. «Hoje, quasi se não limita a reger os destinos do theatro da Republica—dizia algures um critico—mas o desenvolvimento da arte dramatica na nossa terra, e mercê d'essa constante preocupação em alvoroço, em perpetua, proliferante crise, consegue trazer o publico interessado com os seus projectos e com a insinuante atracção dos seus planos.» E por isso eu, varias vezes, me tenho dado a phantasiar-lhe o volume das memorias, em cujas paginas se desenrolariam todos os episodios das differentes *tournées*, com artistas nacionaes e estrangeiros; os seus lucidos dialogos, em Cambó, com Rostand; os seus almoços iconoclastas em Italia, com D'Annunzio; as doloridas confissões de Coquelin e seus lugubres presagios acerca da interpretação do *Chantecler*; os desvarios ambiciosos de Sarah; as propos-



—O theatro da Republica 2 — O «foyer» do Republica e as lapides commemorativas 2—S. Luiz de Braga e Mimi Agullita
tas da Duse, já na curva desccional do exito; as amarguras, as perfidias e os sobresaltos dos intermediarios; todas as ficções scenicas da belleza, todos os deslumbramentos e todos os andrajos—oiro, lixo, lagrimas, traicões; incidentes comicos uns, lugubres outros, e assim aquella historietta por elle evocada, entre tantos, n'uma d'estas ultimas tardes de inverno, a entremear n'um commentario faceto de Eduardo Garrido e n'uma opinião irrevogavel de Freitas Brito. Fôra o caso ha muitos annos, e quando de uma *tournée* no interior dos Brazil, que o secretario da *troupe* errante lhe telegraphára, acerca de uma das «tiples» celebres, nos termos seguintes: «Concha suc cesso. Tudo bem.» E logo S. Luiz Braga, radiante de contentamento, de ordenar-lhe:—«Se foi successo, repita.» Mas «decorreram dias, veiu o correio e, affim, o exito ruidoso da actriz cantante dos sertões resumir-se ao facto de, ao cabo de nove longos mezes de ventre alto diissimulado sob a compressão gracil do «partilho, ter da-

do á luz um lepidio pimpolho. E como seria pittoresco, interessante e proprio a incutir fé e vigor moral a todas as tibiezas e hesitações da gente de agora, d'aquelles de quem dizia Eça, para lhes stygmatisar as flacidias vontades, que «sahiam do berço com muletas», como seria pittoresco esse outro longo capitulo de luctas, desde que S. Luiz Braga põe pé no Brazil e vae, da profissão humilde que nobilita, aos exitos primeiros de empresario, com dias de lucro fabuloso e horas de amarga decepção; em que se educa e se adextre para o *struggle*; em que vive a bohemia sagrada de ha vinte annos, na intimidade dos grandes jornalistas e tribunos fluminenses; em que percorre as redacções gahofando e redigindo folhetins e criticas; em

e mysterioso. E no emtanto, bastaria «ouvil-o uma tarde inteira, ali, no «Jardim d'inverno do seu theatro, ouvil-o e compilar-lhe as narrativas para se ter, palpitante de côr e de verdade, vertiginoso como n'uma fita cinematografica, todo um curioso periodo antigo, em que as almas se atropellavam com os corpos n'uma mesma ancia frenetica pela sempre inacessivel felicidade, como na allegoria celebre de Roche-grosse.

—Mas esse livro virá?

—Para quê, para quê?... Mudemos de assumpto...

Por isso, eu que conheço certos, preciosos pormenores da vida S. Luiz Braga por Paris, quando, nos mezes finaes de verão, é visitado



No Jardim d'inverno do theatro da Republica: Alguns artistas no intervalo d'um ensaio (Clichés de Benolle)

que nos momentos felizes se associa a empresas para fundar revistas d'arte a que o desdem de um publico ainda inculto virava, assustado, as costas—os seus risos e as suas lagrimas; o bando dos cooperadores activos e dos egoistas ociosos; tudo o que elle, nos momentos calmos, evoca com suavidade e doçura; como tudo isso seria grato ao seu coração e ao nosso espirito reviver com bonhomia e com saudade. Mas S. Luiz Braga prefere que a «gente do seu tempo», a maioria d'ella no socego plácido do tumulo, não resurja; não quer ir acordal-a ao esquecimento propicio, para estatelarlhe a memoria deante do publico que chasqueia irreverente e que exigiria o pormenor mais intimo e secreto, o detalhe mais occulto

por todas as celebridades em voga—as de genio incipiente e as de genio cachetico, por *dandies* e rufiões de bastidores; eu que conheço trechos destacados de dialogos, de *ententes*, de combinações com que elle, mais tarde, compõe os admiraveis cartazes do seu theatro, por isso não folheio um livro de Memorias, ou sejam as recordações irreverentes e motejadoras de Schurmann, ou seja a auto-biographia d'essa megalomann que é Sarah Bernhardt, sem um grande desalento em o saber na disposição de nos não dar o desejado, o almejado, o ambicionado livro.

—Para quê, para quê?... Mudemos de assumpto...

SANTOS TAVARES

A GREVE DOS OPERARIOS DA UNIAO FABRIL



Os operarios da Companhia da Uniao Fabril declararam-se em greve no dia 3 de março em virtude de terem sido despedidos vinte e cinco dos seus companheiros que se recusaram a aceitar as condições que os corpos gerentes impunham para o trabalho nas fabricas de Lisboa e no Barreiro.



1—Os operarios em frente da fabrica em Alcântara 2—A força da guarda republicana diante do edificio da Companhia 3—A entrada das mulheres que foram levar as refeições aos operarios no dia em que deliberaram não abandonar o edificio 4—Um grupo de operarias (Clichés de Benoliel)

A NOVA EGREJA DOS ANJOS

A igreja dos Anjos, antiga, que era filial de Santa Justa e que o cardeal D. Henrique reparou, foi demolida para se fazer o alargamento da avenida Candido Reis, sendo construída a nova na mesma avenida, ao oriente da rua Palmira

Tem tres corpos, a nave, o cruzeiro e a parte posterior, um côro com



duas entradas, e um lindo e rico altarmór com portas lateraes para asacristia. Conserva tantas capellas como as do velho templo e são as de S. Miguel, o antigo orago da parochia, do Santissimo, de Nossa Senhora da Conceição, Santo André, Santo Antonio, Senhor Jesus do Bomfim, S. Braz e S. Sebastião.

Souberam conservar todas as preciosidades na moderna igreja, imagens e quadros, tudo quanto recordava o passado d'aquella freguezia celebre e onde houve outr'ora luctas por causa do orago S. Miguel. Os liberaes protestaram contra a existencia no altarmór d'aquelle santo que tinha o nome do rei exilado; os miguelistas buscavam conserval-o, mas por fim o archanjo foi substituido por Nossa Senhora, acabando o conflicto, ao entrar-se n'uma epoca mais positiva e continuando S. Miguel na antiga e agora na nova igreja tão bella com as suas 22 janellas e com a sua torre de lha firme e elegante.

1—O exterior da nova Igreja
2—O altarmór—(Clichés de Benofiel)

A EXPOSIÇÃO DE QUADROS DE SOUZA PINTO NO PORTO

Sousa Pinto expôz agora as suas obras no atelier de Arthur Loureiro, no Porto. O artista vive no estrangeiro e de lá tem enviado a todas as exposições anuais da Academia de Bellas Artes as suas telas, quasi sempre com trechos



1—Sousa Pinto e Arthur Loureiro, no «atelier» do qual se realizou a exposição
2— Uma lavradeira dos Carvalhos
3—Um aspecto da exposição

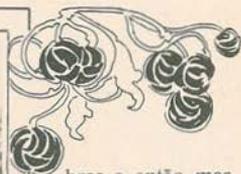
tumes d'essa Armonica sentimental que tão bem se liga aos temperamentos sonhadores dos artistas da nossa terra. Por toda a sua obra palpita esse sonho, nos quadros como a *Boudeuse* e n'outros onde as mulheres de coifas brancas, lembrando azas de toucas de irmãs de caridade, parecem sempre esperar alguém, evocando as paginas do *Pecheur d'Islande*.

A *Ilustração Portuguesa* tem reproduzido a maioria dos quadros d'esse pintor nacional, afeito, julgavamos nós, á maneira estrangeira, a luz dos céus francezes e que actualmente apparece entre nós a dar-nos quadros nitidos da vida da nossa



de campos francezes, fundos de paizagens bretãs, bocados de campinas, interiores humildes como, no da *Petit soeur*, em que um garotete embala enternecidamente uma irmãsita mais nova mettida no seu berço rustico. E' ainda uma recordação da Breia-nha, d'um ponto querido do pintor, sem duvida, uma reproduçã de cos-





bras e então marcou-as nitidamente na tela, impôl-as na sua maneira, sobretudo no quadro *Fim da tarde*, onde uma rapariga se apruma de mão na ilharga deante d'um campo, com seu geito de quem volta do trabalho, de quem liquidou a tarefa pesada desde o romper do sol iniciada. Tentou-se também o artista em trechos



patria. Não hesitou em pintar as roupas berrantes das mulheres minhotas, os trapos garridos das raparigas do norte, carregadas de grilhões, alegres de vermelhos, como a lavradeira de Carvalhos, o artista dos costumes sombrios das

bretãs, onde só as toucas são claras no fundo dos quadros da sua preferencia. Viu a mulher do povo portugueza, a fêmea do norte, de ancas roliças, onde as saias se emolham, pesadas de ouro como idolos, atafadas de cousas scintillantes e ru-

1—Canto da cotovia 2—Mulher de pescador
3—O estilo

do Porto miseravel e pittoresco, ruellas d'outros seculos, congostas e becos, bairros á beira d'agua, d'onde a agua se avista, como Guindaes a defrontar o Douro azul. Sentindo tão bem a terra portuguez, de que se affastara como a paizagem estrangeira, observando bem as figuras conseguiu dar uma nota original á sua exposiçao portuense.

Realmente esses trechos da cidade do norte, evocadores de outras edades devem, como os bocados d'Alfama, ser con-

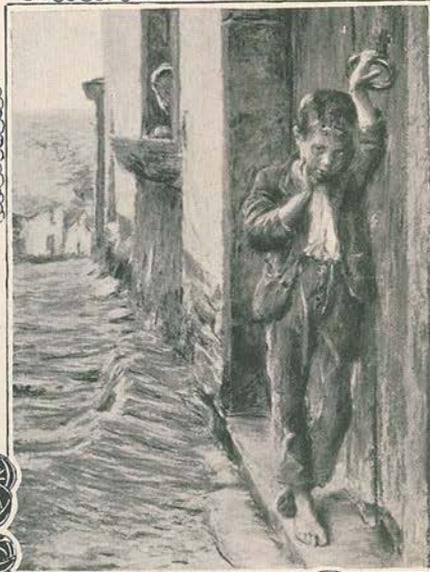


servados nos quadros, desde que dentro em pouco, com o correr dos tempos, naturalmente terão desapparecido á camarelada dos municipios. Os nossos artistas deviam fixal-os para depois se tornarem faceis as evocações, para no futuro ser facil reconstruir o que foram as viellas seculares das cidades que se transformam, a physionomia das suas casas, as suas escadas, o traço mediovo do seu juncto.

Apresenta ainda o artista retratos



1—Fim da tarde 2—Busto de creança 3—Busto de creança, pastel adquirido pelo sr. José Relvas



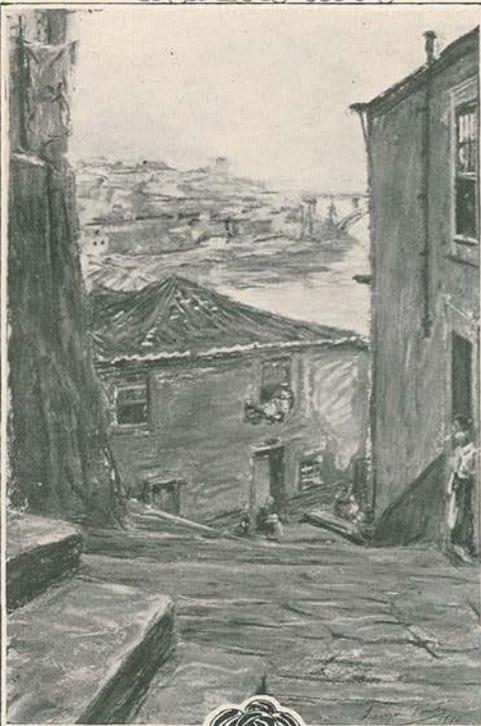
1—Casas vermelhas 2—Chegada tarde



3—D. Antonio Barroso ex-bispo do Porto assignando o seu nome no livro dos visitantes da exposição

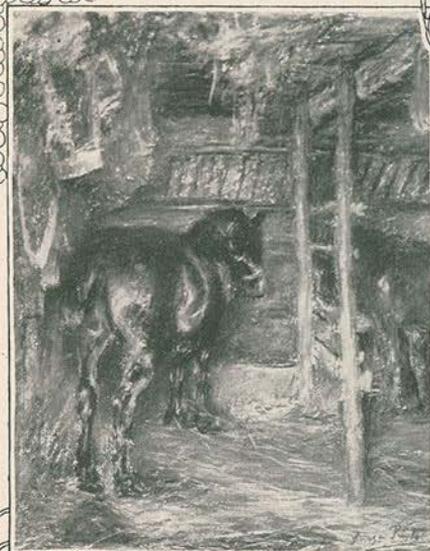
de creanças, de-
senhos calmos, ca-
beças de velhos,
tipos de pescado-
res, tudo bem por-
tuguez e estudos
do nu que, como
o *Verão e o Estio*,
dão notas de valor
áquella exposi-
ção portuense,
onde tem ido a
primeira socieda-
de deter-se deante
da obra de Sousa
Pinto.

D. Antonio Bar-
roso, o ex-bispo
do Porto, tambem
ali foi; analysou
cuidadosamente
as telas, dirigiu pa-
lavras de louvor
ao artista poucos
dias antes de ser
destituído do seu



cargo, sendo
aquella a ultima
exposição a que
assistiu official-
mente. Foram gra-
tas as impressões
do prelado, sem
duvida, ao vér
bem fixados os
tipos do norte de
Portugal e as ruas
da sua diocese,
onde naturalmen-
te jámais voltará.

D'essa visita do
bispo á exposição
publicamos uma
uma photographia
curiosa, por ser a
do seu ultimo acto
official na terra
onde teve duran-
te muitos annos a
supremacia eccle-
siastica



1—Escada de Guindaes (Porto) 2—Cavallos de lavoura na Bretanha 3—Cabeça de velho
(Clichés de Carlos Pereira Cardoso)

UMA
MANIFESTAÇÃO

DE GRÉVISTAS



- 1—Os operários da construção civil no Terreiro do Paço
- 2—A guarda republicana vigilando os operários
- 3—Os trabalhadores da construção civil esperando a comissão delegada para conferenciar com o ministro do Interior

(Clichê de Benoitte)

